



PREÇO \$50

Semanário

Composição—Impressão

RUA DA OLIVEIRA ao Carmo, 21

LISBOA

Director e proprietario — José Tavares

Editor — Silva Cruz; Redactor principal — Souza Carvalho

Administrador — Gonçalves Reis

Redacção e administração — Rua Alexandre Braga, J R C, 1.º

1932

ANALFABETISMO

Não virá, talvez, muito a propósito o falarmos ainda do Ano Novo, visto oito dias já serem decorridos, mas quando assistindo ao findar de um ano de tam funestos desígnios como foi o de 1931, acalentamos a esperança do que o vindouro nos desse melhores dias, nunca é de mais que o adulemos, lomando-o não como um disfarce, um embuste do ano findo, mas olhando-o com um certo optimismo, procurando vivermos da vida, da alegria, do desconhecido que ele nos oferece com risonha ingenuidade.

Lá vai o Ano Velho, ano agoirento, manquejando, todo curvado, trêmulo—talvez de remorsos!...—e, enquanto por esse país fora o povo, essa massa anónima, o enxota, expulsa, gritando, numa amálgama ensurdecadora de assobios agudos, buzinar desesperado dos taxis, e os silvos das locomotivas, respondendo aos clamores das sereias, o Ano Novo passa, risonho e altaneiro, orgulhoso da sua importância, senhor do seu eu, desprezando os gritos estridulos da gentilha, entrando ajoito em terreno conquistado.

Como nas épocas remotas em que, por honra de um deus, se faziam os mais variados sacrificios, assim, agora, jستهando a sua passagem se consumaram suplicios... deram-se lautos banquetes, soirées mimosas.

Ele, contudo, avesso a homenagens, traiçoeiro às festanças e libações que se fizeram em seu louvôr, nestes poucos dias que conta de existência, já matou bastas ilusões, destruiu, em muitos, a Aurora ambicionada.

E' preciso, todavia, não desanimar; lembremo-nos de que há ainda trezentos e tantos dias deante de nós, e nesses trezentos e tal dias quantas coisas, quantas probabilidades, eu, vós todos, leitores, enfim, não temos de vêr os nossos sonhos realizados, recompensando-nos das desilusões sofridas?!

Não sejamos, pois, pessimistas, façamos la sourde oreille às suas travessuras e esperando com aquela fé salutar que irradia das almas boas, gritemos:

Bemvindo sejas ano de Esperança, de doce Ilusão, bemvindo sejas 1932!

Silva Cruz

Quantos alvitre se tem entre nós emitido ultimamente para a resolução deste complexo problema!

Muito se tem escrito sobre tão momentoso assunto e, justo é acentua-lo, alguma coisa se tem já conseguido, tanto das estâncias oficiais como da iniciativa particular, no sentido de lhe atenuar a gravidade. Tem-se mesmo a impressão de que acordámos enfim, alarmados pelas consequências de um prolongado sono de indiferença ante tão desoladora realidade. Só assim se compreende que as nossas estatísticas tenham continuado a acusar uma assustadora percentagem de analfabetos quando em quasi todos os países da Europa e até da América, mercê da aplicação metódica e persistente de um conjunto de medidas oportunas se conseguiu baixar para a casa das unidades o número representativo dessa percentagem.

No nosso paiz a resolução de tão melindroso problema impõe-se com tanto maior urgencia quanto é certo que da sua solução depende, em grande parte, a divulgação proveitosa e eficaz de um certo número de conhecimentos de Higiene que estaria, sem duvida, na base da campanha contra as doenças infecciosas, no número das quais avulta a tuberculose pelo acréscimo alarmante do número de vitimas que, diariamente, causa.

E não é afinal evidente e intuitivo até que antes de nos empenharmos na construção de sanatórios e pavilhões grandiosos para o tratamento de individuos atacados por doenças infecciosas nos esforcemos por ensinar aos que a elas estão sujeitos, e que é a grande maioria da nossa população, a maneira de se prevenir contra essas doenças, e de se defender do seu contágio?

Mas como consegui-lo num paiz cuja população é na sua maioria constituída por analfabetos que têm pelas mais elementares regras de higiene, certamente por lhes desconhecem vantagens, a mais desconsoladora indiferença?

Quantas aldeias e freguezias rurais ha por esse paiz fora onde os pais em vez de mandar os filhos para a escola os utilizam em diversos trabalhos agricolas, ás vezes até, demaziado violentos para a sua pouca idade. Uma conheço eu, e não muito distante de Lisboa, onde as creanças, a maior parte das vezes em idade de escola, andam pelas ruas a apanhar os excrementos dos animais que passam, para com elles estrumarem as vinhas.

Desenganemo-nos! E' tempo e mais que tempo de procurarmos, num esforço persistente e bem orientado, extinguir ou pelo menos debelar um mal que nos envergonha e nos deprime como povo civilizado que nos prezamos de ser.

E' necessario e urgente que todos trabalhemos, cada um na medida das suas possibilidades pela causa sagrada da instrução e educação de um povo que não está ainda á altura das suas responsabilidades politicas e sociais.

J. T.



**Este número foi visado pela
COMISSÃO DE CENSURA**

JOANICO

O artigo que hoje vos apresento versa um episodio, bastante interessante, ocorrido, em Lisboa, durante a occupação franceza. Foi minuciosamente descrito pelo Dr. Julio Dantas no seu livro «Patria Portuguesa» donde foram extraídos muitos dos pormenores do presente trabalho.

No dia trinta de Novembro de mil oitocentos e sete entravam em Lisboa dois regimentos francezes, cujos soldados, famintos e miseráveis, as fardas rasgadas, mesmo descalços muitos deles, mostrando as agruras de penosa e acidentada marcha, mais pareciam uma horda de mendigos do que guerreiros do grande Imperador.

Quando os invasores, já reconfortados, desfilavam, imponentes, pelas ruas da Capital, Joanico, um pobre diabo, figura de bobo popular que toda a Lisboa do começo do século XIX conhecia, á vista de tal espectáculo tremia de medo. Todavia, as golas douradas dos officiaes, os sabres reluzentes, as baionetas, todo esse aparato bélico enfim, o deslumbrava, atraía a sua hedionda figura.

Era, de facto, monstruoso e ridiculo: idiota, corcunda, quasi anão, a boca rasgada num riso alvar, olhos enormes e na cabeça ruiva e desgrenhada um chapéu holandez, delicia da garotada irrequieta, que o escoltava constantemente.

Dias depois, Joanico, aparecia nas ruas, o chapéu engalanado de penachos de várias côres, botões dourados no fato, contas ao pescoço, dançando, assobiando, imitando gritos de animais misturados com vozes de comando que ele ouvira aos officiaes de Junot.

Como de costume a garotada rodeava o, torturando-o, atirando-lhe pedras; tudo isto ele sofria paciente, sem um único queixume.

Os officiaes francezes riam-se dele, atiravam-lhe moedas, obrigaram-no a dançar e pregar sermões; a esses olhava-os Joanico com rancor. Dir-se-ia sentir a tirania do invasor.

Passados mezes, Porto e Braga revoltavam-se e aclamavam o principe Regente.

Em Coimbra aprisionaram um destacamento de 110 soldados francezes ao mesmo tempo que se formava a junta governativa presidida por Freire d' Andrade. A revolta alastrava!

Emquanto Junot mandava para o Norte uma coluna de 2000 homens sob o comando do selvagem general Loison, o governador militar de Lisboa, general De Laborde, ordenava aos esbirros que prendessem todos os indivíduos suspeitos. As prisões transbordavam.

Numa das levas de presos submetidos ao julgamento de De Laborde ia Joanico.

Levaram-no, aos encontros, á presença do governador.

De Laborde ao ver aquele aborto olha-o de alto a baixo, dirigindo-se ao comandante da guarda, pergunta-lhe:

— *Qu' est-ce que c' est ça?*

— Um espião que se fingia idiota para ludibriar os guardas, passava armas aos insurrectos e fazia-lhes sinais mudando as plumas do chapéu.

De Laborde, num português misturado com espanhol, faz-lhe uma série de perguntas:

Quem prendeu o general Quesnet e os seus officiaes! Quem aprisionou o general Maurin em Faro? Quem eram os revoltosos de Lisboa? Quem foi que amotinou o povo no dia de Corpus Cristi?

Joanico, alheio ao que se passava, respondia a tudo:

— Não vi... Não vi... Não vi nada...

Então um sargento, tentando fazelo falar sacode-o, derruba-o, espesinha-o.

Já ensanguentado, olhos esbugalhados, respondia a tudo como estribilho:

— Não sei... Não vi... Não vi nada...

De Laborde derijindo-se, de novo, ao comandante da guarda inquiriu:

Ca conspire vraiment cette brute?...

E voltando-se para o bobo, tremulo de pavor, ordenou-lhe que desse uma viva ao Imperador.

— *Vive l' Empereur!*— gritou o official.

Joanico, galvanizado por esse augeo patriótico que acompanha sempre os povos oprimidos, levanta a cabeça e grita com voz vibrante:

— Viva a Patria!

O general recua surpreendido.

Então a nobreza e o commercio supportavam, complacentes, o jugo francez, a Câmara não lhe punha entraves e era naquella truanesca figura que se encontrava a revolta?...

De Laborde tirando Joanico das mãos dos algozes fita-o e oferece-lhe a liberdade a troco dum viva a Napoleão ou o fusilamento em face de recusa.

— *Vive Napoléon!*— bradou De Laborde.

— Viva a Patria!— respondeu Joanico.

O general ordenou que o fusilassem dentro de meia hora, e retirava-se quando, de súbito, perguntou se vinha algum frade na leva. Responderam-lhe que sim; um Carmelita que do pulpito incitava os fiéis á revolta.

Nesse caso, voltou o governador, confessem-no antes da execução.

O padre que ouvira a confissão do infeliz, compreendendo a infamia que se ia cometer, implorou, ao pelotão executor que suspendesse até elle chegar.

E, correndo agil, sobe num impeto a escadaria, atravessa salas, afasta as sentinelas e roja-se aos pés de De Laborde suplicando:

— Misericordia! Misericordia!

Uma descarga secca interrompeu-lhe, bruscamente, a súplica. E' Joanico que, heroi inconsciente, acabava de tombar fusilado, á ordem do governador.

Fernando M. de Sousa

DIAS DE CARVALHO

Inicia hoje a sua valiosa colaboração, facto este que gostosamente registamos, o nosso prezado amigo, Carlos A. Dias de Carvalho, espirito lúcido e brilhante, cuja prosa agradável e despretenciosa, estamos certos, os leitores muito apreciarão. É realmente um valor indiscutível o colaborador que lhes apresentamos. Cuidadosamente burila-



dos, os seus artigos são verdadeiras lições que se tomam com geral agrado. Sobre «Ofiolatria», o autor, mostra bem, mesmo nas mais pequeninas minudencias, a maneira criteriosa como estuda os assuntos que se propõe tratar, tendo, pois, os leitores, bastas occasiões de apreciarem os interessantes temas que aqui serão versados.

O CULTO DA SERPENTE (OFIOLATRIA)

Há povos sem religião?

Se a palavra religião é tomada no sentido corrente de "doutrina revelada, acompanhada de um sercedócio fortemente organizado", ou ainda segundo Quatrefages "crença em seres superiores ao homem e num futuro além do tumulo", ha com certeza povos que nada têm de semelhante.

Se pelo contrario admitirmos, o minimo da definição de Tylor (Civilizações Primitivas):—crença em entes espirituais" ou, melhor ainda "crença em entes imaginários" (segundo Deniker), será difficil encontrar tribus que não tenham qualquer crença deste género.

A criação desses entes imaginários, liga-se algumas vezes com o sentimento do medo, (*primus Deus fecit in orbe timor*), e limita-se a isso, mas na maioria dos casos, todos os povos incultos têm os rudimentos duma religião natural mais desenvolvida e crença em espiritos melhor definidos. A essa religião primitiva dá-se o nome de *animismo*.

Esse medo ou terror não desapareceram completamente assim o afirma Spengler: "Só o homem que interiormente é já cadaver, o habitante das grandes cidades postremas, a Babilónia de Hammurabi, a Alexandria dos Ptolomeus, a Bagdad do mundo islâmico, Paris e Berlim de hoje; só o puro sofista intelectual, o sensualista, o darwinista, perde ou nega esse terror, interpondo entre si e o estranho uma concepção científica do mundo, sem arcanos nem mistérios".

O *animismo* na sua forma mais rudimentar consiste na crença de que o corpo humano encerra uma alma capaz de se separar do seu invólucro material, crença que se torna extensiva a tudo quanto existe, animais, plantas, pedras, etc.

Daí a crença em determinados animais (zoolatria), como sucedeu no antigo Egipto, na Caldeia, nos Assírios, Fenícios e até mesmo modernamente.

"Com efeito, (diz Maspero-Revue de l'Histoire des Religions) o antigo Egipto prestou um tal culto aos animais, chegando os sercedotes a alimentar, ao lado do seu deus-homem, um deus-animal que apresentavam á veneração dos fiéis". Assim *Thot* era um cinocéfaló ou ibis, *Sarkou* um crocodilo, *Harmakhis* uma esfinge com corpo de lião e cabeça humana, etc.

A principio todos estes animais foram adorados, uns pelo temor, como o lião, o crocodilo, o chacal, etc., outros pela utilidade que prestavam ao homem, como o boi, o carneiro, etc. Mais tarde esta ideia vai-se modificando e são já considerados como que o altar vivo, ou o corpo, ao qual os deuses comunicam uma parte da sua divindade. E vemos por exemplo, como o chacal e o boi se tornaram a encarnação de *Anubis* e

de *Phtah* e nunca mais aparecem *Anubis* ou *Phtah* em pessoa; e assim como estes, muitos outros deuses.

Dentre estes muitos animais adorados pelos povos da antiguidade, a serpente uróboros manteve sempre um culto especial (ofiolatria).

"Documentos antigos revelam a antiguidade do culto ofiolátrico, como se percebe por certas designações, que têm significados especiais. Assim, chamavam *ofiacca*, os poemas ou tratados sobre serpentes no tempo de Plínio.

Ofiogenes, era um povo da Asia Menor que curava as mordeduras das cobras, por um modo peculiar, segundo Varrão.

Ofitae (ofites) era o nome da Seita que orava ás serpentes. (J. Befencourt Ferreira-Ofiolatria).

"A serpente occupou um lugar muito importante na mitologia e nas superstições dos povos da antiguidade como occupa ainda entre os povos contemporâneos (Angelo de Gubernatis)", e nós vamos encontrar no nosso país, ainda vestígios desse culto nas decorações dolmênicas e rupestres, pintadas ou gravadas, com formas de linhas sinuosas, onduladas e espiraladas ás quais se assemelham a ornamentos encontrados fora de Portugal, por exemplo na Andaluza, Galiza, Bretanha, Irlanda, etc. (A. A. Mendes Corrêa—Le Serpentotem dans la Lusitanie proto-historique).

Uma dessas pedras votivas, encontrada no Museu Municipal do Porto, oferecida pelo Dr. Manuel de Vasconcelos, foi encontrada no Logar do Monte de Eiró, Penha Longa, Marco de Canavezes, medindo 2^m,30 de comprimento e 1^m,10 de largura. Nela vimos gravadas duas espirais ligadas por onduladas curvas caprichosas e complicadas, tendo sobre o assunto desta pedra o Dr. Pedro Vitorino, illustre conservador daquelle Museu dedicado uma memória (Insculturas do Monte Eiró) e o Dr. Befencourt Ferreira, illustre professor da Faculdade de Sciências do Porto, fez uma comunicação á Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia—*Ofiolatria*.

Estes *menhires* aos quais os povos da antiguidade prestavam culto, ainda que sujeito a contestações, são estas no entanto rebatidas pelas hipóteses emitidas por Stukeley em Inglaterra no século XVIII, por Penhouët e Deane no século XIX, e ainda pelas atuais descobertas de Le Rouzic e Péquat, de serpentes, ou cousas semelhantes, gravadas nas pedras de Kermário (B. Ferreira—Op. cit.).

Referindo-se á existencia desses monumentos na Lusitania proto-histórica, diz o Dr. Mendes Correa (op. cit. pag. 4):

C. D. C.

Conclui no próximo número

Cá estou eu

...e, agora, mais gordinho! palavra, não é escova!

Comi pelo Natal um Perú recheadinho, tão loirinho, tão loirinho, ... era mesmo um amôr!...

Desde já lhes peço desculpa em nome de todos e no meu em particular, pelo atraso sofrido pelo presente número do jornal. Porque, em verdade, fui eu o principal, senão o único, responsável desse atraso.

E' como lhes digo!... tive pelo Natal um Perú tão loirinho, tão loirinho que era mesmo uma delicia. Se mais lhes disser que o camarão (não o *boxeur*, nada de confusões) não lhe ficava atraz, nem o fiambre nem as salsichas, tudo isto bem regadinho, os leitores compreenderão, que, durante toda a semana, apenas me saíram da pena inspirações gastronómicas.

Não interessando estas aos leitores e sendo um facto sobejamente conhecido que, sem a excelsa colaboração do Jagodes, o jornal nada vale, resolvemos adiar a sua publicação até que o meu laborioso estomago me permitisse o retôrno ás belas letras e ao meu estilo tão vernáculo.

Posto isto, resta-me iniciar a série de lições de *filosofia espectacular* que me propuz ministrar-vos.

Escolhi um tema palpitante, como vão ver.

Passeavam uma noite dois cavalleiros pela avenida do Campo Grande. O cavalleiro n.º 1, fatalista até á medula dos volumosos ossos dissertava acaloradamente sobre o seu tema favorito; o cavalleiro n.º 2, consultando o relógio, calculava mentalmente quanto dinheiro deveria receber pela reverendíssima cega-rega, em forma de discurso, que o outro lhe estava impingindo,

Esquecia-me de lhes dizer que o individuo n.º 1 além de fatalista era vêsco, trajava de preto, chapéu de côco, relógio de prata, aneis de brilhantes e carteira de camurça contendo três mil escudos em notas do banco.

Cêrca da décima quinta arvore do lado interno da alameda em que seguiam os dois interlocutores, abeirou-se deles um *gentleman* que, de pistola em punho, requisitou cortezmente ao individuo n.º 1 todo o dinheiro e valores de que fôsse portador.

Êste, apoplético, contestou a legalidade da requisição, retorquindo-lhe o outro que tinha em elaboração um novo código, muito interessante, em que tais actos seriam permitidos, comunicação esta acompanhada de airosas evoluções da *Browning*.

Vencido, mas não convencido, resolveu-se, finalmente, o cavalleiro n.º 1.

Aquí tem senhor?...

—Rap Inácio Mão Suave, ás ordens de V. Ex.ª

—Muito prazer. Eis, como lhe ia dizendo, dois mil novecentos e noventa escudos. Quanto a mim apenas reservo dez escudos para o taxi que me conduzirá a casa.

V. Ex.ª pode muito bem ir de eléctrico, rispostou o requisitante.

Apoz breve discussão e mútuas transigências chegaram a acôrdo, ficando o fatalista com cinco dos dez escudos que reclamara.

Apóstolo da aldrabice

Dizem que mentir é feio,
 Não o nego, podem crer,
 Mas é às vezes o meio,
 Sendo feito com asseio,
 De bem se poder viver.
 Hoje em dia tudo mente,
 — Pois se a vida é uma mentira, —
 Só não mente quem não sente,
 Mente, mente tãda a gente!
 Quem uma pedra me atira?...
 Ninguê, está bem de ver!
 São todos uns mentirosos
 Os que estiverem a ler
 O que acabo de escrever;
 E mesmo os mais orgulhosos,
 Que de verdadeiros se gabam,
 Coitados, metem-me dó!
 Os seus castelos desabam
 Porque tristemente acabam
 Dormindo o eterno ó-ó.

 Eu peço caros leitores,
 P'ra terminar a questão,
 O Perdão destes horrôres
 E' raiva de ser, senhores,
 Mentiroso e aldrabão!

Odnira

Ao comércio

*Se queres bõa freguesia
 Em vez dessa raça dúbia
 Não percas tempo, anúncia
 Teus productos no Aldrúbia*

O Rap Inácio despediu-se cordealmente e levou a sua gentileza ao extremo de oferecer ao antagonista a pistola com que o intimidara e que, por sinal, era de magnífico chocolate.

Ainda não se tinha de todo sumido a silhueta elegante do obsequioso Inácio já o sujeito n.º 1, faces congestionadas e escumante de raiva desafiava uma catadupa de imprecações e anátemas que ameaçava prolongar-se indefinidamente.

Então o sujeito n.º 2, até aí mudo e quedo, como um rochedo, observou-lhe irónicamente:

Oh homem, não se encolerise assim por tão pouco! Se isso tinha que ser!... estava escrito?

— Pois sim meu amigo, estava escrito, lá isso estava, mas também estava escrito que eu me havia de encolerizar!

Finis coronat opus

Jagodes

A piada não é nossa

Distracção

Um sujeito, muito distraído, é olhado insistentemente por uma senhora. Vão ambos no elevar da glória. À saída, ela aproxima-se dele e diz-lhe:

— Então já não me conhece?

— Efectivamente... eu... sim...

— Pois não se lembra que sou a viuva do capitão Reis?

Ele, no meio da maior confusão:

— Isso, isso! Queira desculpar!...

E como está o Sr. Capitão?

Competências

Dizia uma velhota a um vizinho, referindo-se a certo clínico:

— Oh! é um excelente médico!

Salvou-me...

— Sim?... e de que doença?

Dum eléctrico que esteve quasi a passar-me por cima.

Caridade

O mendigo — Meu rico bem-feitor, dê-me alguma coisinha, que estou morto de fome!

O ricoço (depois de rebuscar entrega ao pedinte um botão velho): — Tome é para um sobretudo,

Numa reunião

— Não disseste senão toices. Para que pediste tu a palavra?

— Ora! porque tinha muita sede e queria beber o copo de água que se dá aos oradores.

Indiferença

— Ouve rapaz; dizem que vais para o Brazil!

— Sim, vou!

— E não tens medo á água? Olha que se o navio vai a pique...

— E que vá? Se me agrada Pique, fico-me em Pique.

Realismo

Uma senhora casada com um poeta, disse-lhe um dia em que estavam conversando intimamente:

— Ora, meu amigo, fazes versos a toda a gente, menos a mim, Vamos lá a ver, ao menos, como farás o meu epitáfio, quando eu morrer.

— Oh, minha querida, que triste assunto! Pelo amor de Deus não fales nisso.

— Qual história! Quero dar-te coragem. Eu faço o primeiro verso: — Aqui jaz Ana da Soledade.

Ele inspirado, mais como marido do que como poeta, concluiu imediatamente:

— Provêra a Deus que fôsse verdade!

AOS DESPORTISTAS

Os melhores artigos nacionais e estrangeiros para

Basket, Esgrima, Foot-baal, Hockey, Rugby Tennis, etc., etc.

Aos melhores preços do mercado, só vende a casa

SPRIL

RUA DO LORETO, 34, 2.º

LISBOA

A VIOLETA

*Tu que perpassas perfumada e pura
 Aonde vais triste e distraída?
 Não me conheces? Recorda, procura!
 Pela vez primeira junto à ermida*

*Num canteiro rias quando te vi,
 Airosa estavas troçando contente
 Por chorar os prazeres que perdi.
 Violeta, tens a cabeça pendente,*

*Dize, porque gemes sem descançar?
 Ve que em noite assim, viemos amar
 E rindo, gracil, desceste ao jardim;*

*Mas ai! ai nos vieram colher
 Por entre beijos, ouvir teu viver,
 Olha, Violeta, sou o teu jasmim!*

Silva Cruz

Caixote do Lixo

Depois das festas passadas
 Voltámos à redacção
 Onde tantas papeladas
 Jaziam, amontoadas,
 Nma enorme confusão,
 Entre cartões de visita
 E telegramas sem conto,
 No meio da mole infinita
 De tanta prosa exquesita,
 Confesso que fiquei tonto!
 Passei uma tarde inteira
 — Muito massacrado fui! —
 A 'screver, numa canseira,
 Sempre da mesma maneira
 "Agradece e retribuí".
 Adormeci, fatigado,
 E sonhei ver, num galope,
 Vir sobre mim, apressado,
 Um envelope lacrado,
 Um fantástico envelope;
 Atraz dele caminhavam,
 Numa corrida infernal,
 Muitos outros que paravam
 E, rápidos, se alinhavam
 Na redacção do jornal.
 Lancei-me logo ao primeiro
 Que mais à mão encontrei,
 Li em seguida o parceiro,
 Vi num ápice o terceiro,
 E... (nesta altura acordei)

.....
 Querem saber o que tinha,
 Para mim, tanta atracção?...
 Cada envelope continha...
 Vejam lá!... Quem advinha?...
 Não sabem?... eu também não!...

Laracha

Espectaculos

TEATROS

Nacional—21,30—«S. João subio ao trono»
 Trindade—21,30—«O Aldrabão».
 Gimnasio—21,30—«Pedro, Paulo & C.».
 Politeama—21,30—«O crime da 5.ª Av.».
 Avenida—21,15—«O Solar dos Barrigas».
 Apolo—20,30 e 22,30—«A cigana»
 Maria Vitoria—20,30 e 22,30—«O Estaladinho».
 Variedades—20,30 e 22,30—Mexilhão».
 Coliseu—21—Variedades.

CINEMAS

Olimpia—«Aguias humanas».
 S. Luiz—«O congresso que dança».
 Condes—«Nos labios... não!»
 Central—«Anny e os carteiros»
 Tivoli—«Marrocos».
 Odéon—«O papá das pernas altas»
 Terrasse—«1980»
 Royal—«Goluseimas»
 Capitolio—«Paraiso flutuante»
 Palacio—«Goloseimas»
 Liz—«O sr. Director»
 Paris cinema—«Noite de duendes»
 Promotora—«Alta Sociedade»
 Palatino—«Saudade»
 Eden cinema—«A loucura de um beijo»
 Europa cinema—«A revista das vevistas»

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

R. do Amparo 51-Lisboa

Sempre sortes grandes!



Depois das Compras

subsiste talvez uma leve sensação de cansaço, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.



LIVRARIA FERIN

Fundada em 1840

TORRES & C.^{TA}

70, Rua Nova do Almada, 74

Telefone 2 4422

Sortimento de livros nacionais e estrangeiros
para o ensino Secundário e Escolas
Superiores

Artigos de Desenho, Esferas e Mapas
Assinaturas para todos os jornais e revistas
estrangeiras

PENSAO FAMILIAR

F. A. DUARTE

Quartos bem mobllados e boa comida, ou só comida
Aceio e socêgo. Casa de muito respeito
SÓ SE RECEBEM PESSOAS DE TRATAMENTO
Rua Ivens, 49, 2.º e 3.º andar

LISBOA

Telefone 2 0783

Perfumaria Universal, L.^{DA}

Cremes e pó de arroz de todas as boas marcas

PRODUCTOS BENAMOR E NALLY

Bijouterias

O maior e mais lindo sortido em
colares, brincos, pulseiras, etc.

ROCIO, 101

EXTRATO HEROICO

Infalível nos tratamentos das
Doenças Pulmonares
Falta de Apetite
Hemorragias
Fraqueza Geral
DAVITA

Rua Eugénio dos Santos, 81 Instituto Pasteur de Lisboa



H. C. SOUSA L.^{DA}

Sempre novidades em

chapeus chics

Ultimas creações de Paris

Rua do Ouro, 216, 218 e 220, 1.º

Telefone 2 0560

MAISON LOUVRE

Fatos e vestidos para creanças

Unica casa especialista no País

106, Rocio, 107



“LIZ”

CIMENTO

PORTLAND

ARTIFICIAL

em barricas de 180 kgs. e sacos de 50 kgs.

Produção anual 100.000 toneladas em-
pregando 2 fornos rotativos metalicos

EMPRESA CIMENTOS LEIRIA

S. A. R. L.

Capital Esc. 8.000.000\$00

Sede--RUA DO CRIS DE SANTAREM, 64, 1.º--LISBOA

TELEFONE P B X 21331

FILIAL NO NORTE:

Rua Formosa, 297

PORTO

AGENCIAS NAS PROVINCIAS